

one more time with feeling

Stephan Mäder

What I wanted to say
Was ich noch sagen wollte
Stephan Mäder

5

«Beaucoup Fish»
Natacha Moutinho

17

Images,... and Words
Bilder,... und Worte
Axel Fickert

29

one more time with feeling
Francisco Ferreira

33

Exposição de desenhos de Stephan Mäder
Exhibition on Stephan Mäder's drawings

EAUM Museu
2 Nov – 12 Jan
2017



Universidade do Minho
Escola de Engenharia

Zürcher Hochschule
für Angewandte Wissenschaften

zhaw
Architektur, Gestaltung
und Bauingenieurwesen

«*Beaucoup Fish*»

Natacha Moutinho

Quando Stephan Mäder nos mostrou os seus desenhos ficamos imediatamente entusiasmados com a qualidade do trabalho e com a diversidade de temas e funções que o desenho parecia ocupar naqueles registos. Nestes desenhos podíamos reconhecer as nossas práticas e o nosso gozo em desenhar. Eram desenhos de um arquiteto, de um pensador gráfico, e estávamos entusiasmados com a possibilidade de poder mostrar o seu trabalho e ter uma oportunidade para dar a conhecer temas e meios de pensar o desenho e pelo desenho. Mas fomos em simultâneo seduzidos pelos prazeres deliciosos e mundanos que emanavam destas imagens: beber, comer, viajar, desenhar, pintar, e colorir, e que confirmavam o espaço privado e pessoal destes diários. Pareciam ser desenhos realizados por necessidade, e o reflexo de uma mente criativa a trabalhar, mas também eram desenhos realizados por prazer.

Um dos grandes desafios colocados por este projeto foi a escolha dos desenhos a incluir na exposição da EAUM. Quando se propôs a Stephan Mäder realizar esta mostra tínhamos em nossa posse duzentas e oitenta e quatro imagens, retiradas dos inúmeros cadernos que já atingiam o número de cento e vinte e nove, e que pertenciam apenas aos primeiros trinta e seis. Em resposta ao nosso entusiasmo, com qualidade dos desenhos, uma generosa resposta não se fez demorar e o arquiteto enviou mais algumas imagens desta sua obsessiva ação gráfica.

A ideia da exposição era simples e procurava ser o menos interventiva sobre a experiência de ver os desenhos. Esta exposição surgiu de uma partilha entre amigos e colegas de profissão: são páginas de cadernos que são mostrados em momentos de relaxe e conversa, com maravilhosos desenhos de viagens, sonhos, comidas, ideias, problemas, memórias. Nesta mostra procurou-se manter o mais intacta possível esta experiência, preservando as dimensões originais dos desenhos, promovendo uma aproximação ao suporte e à imagem, não construindo camadas entre o desenho e o observador, e replicando a experiência do ato de apreciar um diário gráfico generosamente partilhado.

O Museu da EAUM é um espaço amplo que tem quarenta metros lineares de parede. Os cadernos tinham 9,9 por 16,8 cm, alguns desenhos ocupavam duas folhas e tinham o dobro da largura, pelo que seriam bastante pequenos. Assim, espaço de que disponhamos para os mostrar parecia ser o suficiente para receber mais de um cento, mas quando nos sentamos para escolher já tínhamos mais de setecentos.

Como escolher apenas cem de uma coleção setecentos? A opção tomada foi emocional, escolhemos do coração: escolhemos aqueles que nos tocavam pela cor, pela poesia, pela função no projeto, pela temática, pela repetição e insistência, pela curva da linha. Havia, no entanto, alguns ajustes que poderiam valorizar algumas das mais interessantes qualidades deste autor: a seleção final procurou mostrar a instrumentalização do desenho como ferramenta cognitiva, a variedade de temas existentes, e o processo de análise e seriação tão idiossincrático em Stephan Mäder.

Logo que um desenhador começa a desenhar está a analisar, está a compreender uma forma ou a sensação que esta lhe proporciona. Avalia dimensões, formatos, cores, distâncias, relações, ou a própria ação de ver. Nestas ações pelo desenho todo o desenhador redefine a forma, encontra a expressão do seu entendimento daquilo que vê – ou pensa saber que vê.

Cada desenho é a própria conceção do desenhador, a impressão visual do que vê, ou do que imagina, como base numa perspetiva histórica em que este se inscreve, e a partir das suas próprias ideias e estratégias gráficas. Neste processo de análise da forma, ou das formas entre formas que constroem espaços, o desenho produz marcas, deixa pegadas, que denunciam a linguagem gráfica e o pensamento do seu autor. O desenho materializa o que o autor percebe, ou percebeu, e este ato de traduzir o que se vê numa linha ou numa marca, transforma o processo de ver: o desenho é assim um mediador que atua como um pensamento visual e físico que permite ao desenhador transformar o que vê em algo ordenado ou compreensível.

O desenho responde à necessidade de compreender como as coisas são, como são feitas, como se relacionam, de modo a apreender o que vemos e a aprender a ver. Vemos apenas aquilo que sabemos mas pelo desenho podemos aprender a ver. Esta utilização do desenho como ferramenta aparece em variados momentos nos diários gráficos, naqueles desenhos em que o desenho é mais sobre o ato de pensar do que sobre o desenho em si. Como nos explica Stephan Mäder “desenhar para entender como as coisas são feitas, para entender o que se vê, para aprender a ver.”

Nos seus desenhos encontramos uma diversidade de temas: paisagens urbanas ou montanhas com castelos cor-de-rosa, canais e costas de mar e rios, cortes e perfis, caminhos ou pontes, salas de trabalho, de estar, salas onde comer, tapetes e toalhas vermelhas, verdes e amarelas, varandas, praias e ventos, alçados a linha, alçados com sombra e alçados com cor, desenhos de casas e janelas, muitas janelas e puzzles de janelas, aberturas em paredes espessas e vistas de mar, barcos e peixes, mais barcos e casas, pátio, casas em estacas, paisagens, árvores com linhas loucas e peixes, sofás vermelhos e mesas com toalhas.

Acima de tudo adoramos a Comida. A Comida é um tema muito presente nesta coleção. Há muitos peixes, de formatos e cores diversificadas, várias iguarias regionais e diferentes refeições do dia. Há mesas postas com talheres, copos e pratos, travessas, em salas ou varandas, com janelas e vistas para apreciar mundo enquanto se estimula o palato.

“Onde estamos quando desenhamos?” Não estamos a comer o peixe mas a desenhar o peixe? Estamos sentados na mesa a observar o peixe? Entre nós e o peixe está o desenho? Entre nós e o peixe está um desenho de um peixe? O peixe já foi comido, isto não é o desenho do peixe? O peixe não existe mas existe apenas a experiência de ver/ser/ter o peixe. Isto é a memória de uma experiência e desenhar é voltar-a-repetir aquele momento no tempo e no espaço, no corpo e na mente.

Desenhar é construir memórias e também é criar imagens que resultam de memórias, e mais uma vez, retomar essa experiência do estar e do ver, mas já não do real mas da realidade que nós construímos ao ter estado,

ter visto, ter sentido, e ter pensado. Como referia Edward Will, para o desenhador sem o visível não pode existir o invisível, sem os encontros visuais diários com o visível este não pode visualizar. Para Stephan Mäder, o visível existe por causa do invisível, nesta ação de desenhar de memória - ou a memória – projeta-se um outro visível.

Há desenhos desenhados e redesenhados e desenhados outra vez. Há assim, desenhos que parecem estar repetidos mas não estão. São desenhos que se fazem mais uma vez, e outra, até atingir aquele lugar que apenas se encontra quando se chega. Este processo de ver para desenhar e desenhar para rever é um processo de análise e síntese presente no trabalho de Stephan Mader. São séries de imagens mentais que se vão repetindo e abreviando por vários desenhos, num processo de estudo e compressão. Nestes, como nos explica o próprio: “então eu tento condensar as impressões da minha mente e da memória, raramente com a ajuda de fotos em esboços pequenos em pequenos cadernos. Não se trata de realidade, mas de uma impressão que me lembra um lugar ou um momento.”

O autor constrói uma estratégia, nos desenhos sintetizados, que resulta da expressão das suas memórias, de algo que viu e do que tornou visível ao desenhar. Memórias que se vão formando enquanto se desenha e que se vão comprimindo até a um absoluto visual. Não é mais sobre o que se pode ver, mas talvez sobre o que sentiu. Não é sobre observar ou sobre ser naturalista, nem sobre estratégias de consolidar formas: a forma não está terminada, ainda se vai gerando, adequando, respondendo, reagindo.

Pensar nestes desenhos, e nestes processos e opções, é arrancar páginas dos diários, olhando para elas uma a uma, sem considerar o todo: os cento e vinte e nove cadernos. O que são tanto e tantos diários? Uma história ou muitas histórias? Há muitos desenhos entre nós e o mundo? São visões de um singular em muitos tempos e espaços? Estamos a observar um desenho? Entre nós e o desenho onde está o autor? Entre nós e o desenho está um desenhador? O desenhador não existe, isto é um desenho.

«Beaucoup Fish»

Natacha Moutinho

When Stephan Mäder' showed us his drawings we were immediately excited with the quality of the work and the diversity of themes and functions that drawing seemed to have, in these we could recognize our practices and our pleasure in drawing. These were drawings of an architect, of a graphic thinker, and we were thrilled to be able to show his work, and have an opportunity to present subjects and ways of thinking drawing, and through drawing. But we were also seduced by the delightful and worldly pleasures offered by these images: drinking, eating, traveling, drawing, painting, and colouring, confirming the private and personal space of these diaries. These seemed to be drawings made out of need, and the reflection of a creative mind working, but also drawings meant for pleasure.

One of the major challenges of this project was to choose which drawings to include in the School of Architecture of the University of Minho (EAUM) exhibition. When we proposed to Stephan Mäder to do this show we were given two hundred and eighty-four images, taken from the first thirty-six notebooks out of one hundred and twenty-nine numbered notebooks. In response to our enthusiasm, with the quality of the drawings, a generous response was swift and the architect sent some more images of this obsessive graphic action.

The idea of the exhibition was simple and sought to be as non-interventional as possible on the experience of seeing these drawings. This exhibition was the product of sharing between friends and colleagues: pages of note-

books shown in moments of relaxation and conversation, with wonderful drawings of trips, dreams, food, ideas, problems, memories. In this exhibition we tried to keep this experience as intact as possible, preserving the original dimensions of the drawings, promoting an approach to the support and to the image, not constructing layers between the drawing and the observer, and repeating the experience of the act of appreciating a graphic diary generously shared.

The EAUM Museum is a wide space with forty linear meters of wall. The notebooks were 9.9 by 16.8 cm, some drawings occupied two sheets and were twice the width, so they would be quite small. Therefore, the space we had seemed to be enough to receive more than a hundred drawings, but when we sat to choose we had already over seven hundred.

How to choose only one hundred from a collection of seven hundred? This was an emotional selection, we chose from the heart: we chose those who touched us with colour, poetry, function in design, theme, repetition and insistence, by the curve of the line. There were, however, some tunings that could highlight some of the author's most interesting qualities: the final selection sought to show the instrumentalization of drawing as a cognitive tool, the variety of existing themes, and the process of analysis and seriation so idiosyncratic of Stephan Mäder.

As soon as a draftsman begins to draw he is analysing, understanding a shape or the feeling it gives. He evaluates dimensions, figures, colours, distances, relations, or the very act of seeing. Through these actions the draftsman redefines the form, finds the expression of his own under-

standing of what he sees or thinks he sees. Each drawing is the draftsman's own conception, the visual impression of what he sees or what he imagines, on the basis of a historical perspective where he is inscribed and from his own ideas and graphic strategies. In analysing form, or forms between forms that create space, drawing produces marks, leaves footprints that show the graphic language and the thinking of its author. Drawing is the manifestation of what the author observes, or observed, and this act of translating what is seen into a line or mark transforms the process of seeing: the drawing is thus a mediator that acts as a visual and physical thought that allows the draftsman to transform what he sees into something orderly or understandable.

Drawing responds to the need of understanding how things are, how they are made, how they relate, in order to apprehend what we see and to learn to see. We see only what we know but by drawing we can learn to see. This use of drawing as a tool appears in various moments in these graphic diaries, in those drawings in which the drawing is more about the act of thinking than about the drawing itself. As Stephan Mäder explains "drawing to understand how things are made, drawing to understand what you see, to learn to see."

In Stephan Mäder's drawings we find a diversity of subjects: urban landscapes or mountains with pink castles, canals and coasts by rivers and seas, sections and profiles, paths or bridges, work rooms, living rooms, eating rooms, carpets and red, green and yellow towels, balconies, beaches and winds, elevated line, elevations with shade and elevations with colour, drawings of houses and windows, many windows and puzzles of windows, openings

in thick walls and sea views, boats and fishes, more boats and houses, yard, houses on piles, landscapes, trees with crazy lines and fishes, red sofas and tables with towels.

Above all we loved the Food. Food is a very current theme in this collection. There are many fish of different shapes and colours, several regional delicacies and different meals of the day. There are tables set with cutlery, glasses and dishes, platters, in rooms or balconies, with windows and views to enjoy the world while exiting the palate.

"Where are we when we draw?" We are not eating the fish but drawing the fish? Are we sitting at the table observing the fish? Is the drawing between us and the fish? Between us and the fish is a drawing of a fish? The fish has already been eaten, this is not a drawing of a fish? The fish does not exist but there is only the experience of seeing / being / having the fish. This is the memory of an experience and to draw is to repeat each moment in time and space, in body and mind.

To draw is to build memories and also to create images that result from memories. And once again recapture the experience of being and seeing, no longer from the real but from the reality that we constructed by having been, having felt, and have thought As Edward Will pointed out, for the draftsman, without the visible the invisible cannot exist, without daily visual encounters he is unable to envision. For Stephan Mäder the visible exists because of the invisible, in this action of drawing from memory, or the memory, one can envision a new visible.

There are images drawn and redrawn and drawn once again. There are drawings that look repetitive but are not. These are drawings that are made one more time, and

another, until one reaches that place that is only found once we are there. This process of seeing to draw and drawing to see is a process of analysis and synthesis present in the work of Stephan Mader. They are sequences of images that are repeated and condensed through several drawings, in a process of study and compression. In these, as Stephan Mäder explains: "Then I try to condensate the impressions out of my mind and memory, seldom with the help of photos on small sketches in small booklets. It is not about reality, but about an impression what reminds me a place or a moment."

In the synthesized drawings the author builds a strategy that is the outcome of the expression of his own memories, from what he saw and what he made visible by drawing. Memories that are formed while drawing, and that are compressed until an absolute visual. It is no longer about what one can see, but maybe about what one feels. It is not about observing or about being lifelike, neither about strategies to consolidate forms: the form is not finished, it is still generating, adapting, responding, reacting.

To think of these drawings, and in these processes or possibilities, is to tear pages from the diaries, looking at them one by one, without considering the whole: the one hundred and twenty-nine notebooks. What is the meaning of so many diaries? A story or many stories? Are they visions of a singular in many times and spaces? Are there many drawings between us and the world? Are we looking at a drawing? Where is the author between us and the drawing? Is there a draftsman between us and the drawing? There is no draftsman, this is a drawing.

A EAUM agradece à ZHAW – Zürcher Hochschule für Angewandte Wissenschaften, o generoso apoio que ajudou a tornar possível este projeto. O nosso agradecimento estende-se ao Professor Stephan Mäder que acolheu esta proposta com todo o entusiasmo e dedicação, e com uma enorme generosidade na partilha do seu trabalho de uma vida, dos seus diários gráficos e dos seus desenhos. O nosso reconhecimento estende-se a todos os que contribuíram para preparar esta exposição, a publicação que a acompanha e toda a diversidade de tarefas que este projeto envolveu, e que permitiram tornar público e partilhar com a toda comunidade estes deliciosos desenhos.

Muito obrigado

EAUM thanks ZHAW - Zürcher Hochschule für Angewandte Wissenschaften - for the generous support that made this project possible. We also would like to thank Professor Stephan Mäder who welcomed this proposal with all the enthusiasm and dedication, and with a huge generosity by sharing his life's work, his graphic diaries and his drawings. Our recognition extends to all who contributed to the preparation of this exhibition, the publication that accompanies it and all the diversity of tasks that this project involved, and which made it possible to make public these drawings.

Thank you

Edição / Edition

EAUM + ZHAW

Curadoria / Curatorship

Francisco Ferreira

Natacha Moutinho

Colaboração / Collaboration

Inês Lourenço Graça

Créditos Imagens / Image Credits

Stephan Mäder

Design Gráfico / Graphic Design

Ana Resende

Tradução / Translation EN

Sandra Pereira

Impressão / Printing

Greca – Artes Gráficas

ISBN

978-989-20-7941-7

Depósito Legal